Serafim Leite

CAMÕES

Poeta da expansão da Fé

RIO DE JANEIRO
1943

CAMÕES

POETA DA EXPANSÃO DA FÉ

SEPARATA, ACURADA, DE 500 EXEMPLARES,
DO "ARQUIVO CAMONIANO" DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS (RIO 1943) 139-170

Serafim Leite

CAMÕES

Poeta da expansão da Fé

RIO DE JANEIRO
1943

Conferência na Academia Brasileira de Letras, no dia 3 de Julho de 1943, 7.ª do "Curso Camões", promovido pela "Fundação Camões" da mesma Academia.

CAMÕES, POETA DA EXPANSÃO DA FÉ

I

"Em escritor nenhum tereis, como em Camões, uma fiel e pura unívoca expressão de Fé Católica, e Cristã, e deísta, como nesse poeta: da sua obra tirar-se-ia uma Teologia, uma Apologética, uma divina missão de propaganda, que lhe há-de conferir, um dia, a santidade de *missionário* nos altares, como já o começou na devoção do povo." (1)

Estas palavras pronunciou-as, neste mesmo salão da Academia Brasileira, um grande escritor que é também o maior camonista vivo; e citam-se assim, antes das nossas próprias, porque a esta deixa de Afrânio Peixoto, responderá a modesta lição de hoje no *Curso Ca-*

(1) Afrânio Peixoto, *Ensaios Camoneanos* (Coimbra, 1932) 108.

mões. Não, todavia, em tôda a amplidão de um assunto, que, por muito alheio que se ande à vida superior da Religião, impressiona sempre o homem de sentimento; nem existe camonista algum que não deixasse cair da pena, ao menos de passo, uma palavra de admiração e fervor diante da poesia religiosa do Poeta. Diante, sobretudo, daquelas 73 quintilhas "divinas", as mais belas da língua portuguêsa, no dizer de Aubrey Bell:

Sôbolos rios que vão
Por Babilônia me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.

Ali o rio corrente
De meus olhos foi manado:
E tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado. (2)

Se não há quem, alguma vez, se não tenha extasiado diante dêste ou aquêle verso religioso

(2) Aubrey F. G. Bell, *A literatura portuguesa*, tr. do inglês, de Agostinho de Campos e J. G. de Barros Cunha (Coimbra 1931) 238.

de Camões, o escritor que primeiro redigiu em português tratado autônomo sôbre a poesia sacra dos *Lusíadas* foi Antônio Onorati, da Companhia de Jesus, Professor do Colégio de Campolide, no tricentenário da morte do Poeta, Lisboa, 1880. (3)

Ao *Carácter Religioso dos Lusíadas de Luís de Camões*, de Onorati, seguiu-se *Camões, Poeta da Fé*, de Mendes dos Remédios (Coimbra, 1924) —conferência, lida na Sala dos Atos Grandes da Universidade, no quarto centenário do nas-

(3) P. Antônio Onorati, *O Carácter religioso dos Lusíadas de Luiz de Camões*. "Documentos e Reflexões, de um Professor do Colégio de Maria Santíssima Imaculada em Campolide", Lisboa, 1880. Onorati ligou a sua atividade à Itália, onde nasceu; ao Brasil, onde trabalhou; à América, de cujo Colégio Americano, em Roma, foi Professor; e a Portugal, pois sabia bem o português, falecendo no Colégio de Campolide (Lisboa) em 1881. Ao entusiasmo pelo maior Poeta português, unia o culto do maior prosador, e dêle deixou valiosa coletânea de Sermões em 5 volumes: *O Crisóstomo Português ou o P. Antônio Vieira*, consagrado ao "Crisóstomo Brasileiro", D. Antônio de Macedo Costa. — Cf. Sommervogel, *Bibl. V*, Cols. 1920-1921. Onorati preparou para a imprensa a 2.ª edição do seu trabalho camoniano, a que ampliou o título: *O carácter religioso e o mérito literário dos Lusíadas*. Sommervogel explica: "C'est une édition nouvelle de l'ouvrage imprimé; la première partie est augmentée de trois longs chapîtres et la 2.e est remaniée". A classificação dos manuscritos em italiano, latim e português (em português a maior parte) deixados por Onorati, verdadeiro humanista, ocupa 70 números em Sommervogel e entre êles várias peças de teatro escolar (Sommervogel, *Bibl. IX*, 731-734).

cimento do Poeta, seguida das suas *Poesias de Carácter Religioso.* Mendes dos Remédios alude ao *Elogio Acadêmico,* de Luís Maria da Silva Ramos, que trata também do aspecto religioso do Poema. Acrescente-se um ensaio de Leite de Vasconcelos e algumas elegias religiosas selecionadas por Edgard Prestage, e temos a bibliografia sôbre Camões, poeta religioso. Todos tratam da Religião no seu sentido geral. Saindo desta generalidade, assume-se aqui apenas um motivo, Camões *missionário,* à maneira dos portuguêses do seu século, "que dilataram a Fé e o Império", — as duas grandes secções em que anda repartida a glória portuguêsa, uma das quais é a própria delimitação dêste estudo: *Camões, Poeta da Fé espalhada no mundo pelos portuguêses.*

Alto assunto, digno sem dúvida da atenção dos homens de Fé e também dos cultores das Letras Humanas e das Ciências, que tendem cada vez mais, hoje, à especialização. Assim como há vantagem em que fale da marinharia

quem honre a farda de um marinheiro, ou das lições dos *Lusíadas* quem ilustre a borla de um catedrático, talvez não seja indiferente, em matéria de Fé, que fale a modéstia de uma batina, que enobreceram aliás alguns dos maiores camonistas do passado e do presente.

Perdoe-nos Camões — e perdoem-nos todos — se não se dará ainda agora a tão formoso assunto, quanto êle merece, que o não consentem nem a frágil ciência de quem vos fala, nem os limites bem demarcados de uma simples palestra. Fique ao menos êste "baixo e rudo" tentâmen, como humilde sugestão do muito que ainda há que estudar no épico da Cristandade...

II

Camões, Poeta da Expansão da Fé... A Fé, em Camões, reveste duplo sentido, teológico e humano, Fé em Deus e Fé na Pátria. E a uma e a outra se opõe a dúvida. Em Criteriologia a dúvida pode ser útil instrumento de inves-

tigação. Mas quando a certeza brilhou, a dúvida deixa de ser ato de inteligência. Como Religioso e como Português, mantemos viva a dupla chama da Fé. Cremos que os portuguêses de agora valem tanto como os contemporâneos de Camões. Mudaram as circunstâncias, claro está. Dentro das atuais, Portugal vive com excelente saúde, e a sua atividade é idêntica através dos séculos.

Quando começamos a entender de Letras, o ambiente andava carregado com as emanações do que Mário de Albuquerque apelida *Mito da Decadência,* que se comprazia em ouvir as Calhandras da dúvida. (Calhandras e não Cassandras. As Cassandras acertavam, diz a lenda...) As nossas Calhandras, algumas bem harmoniosas, eram vozes de gentes estrangeiras, postas em lábios portuguêses, para complicar, dividir e enfraquecer. A par da renovação das fontes de beleza, sempre estimável quando permanece intato o depósito nacional, algumas dessas vozes, quebraram o molde ca-

moniano, da Fé e do Império, e produziram o desequilíbrio da dúvida no Império e na Fé. Opinião, que reivindicamos com isenção e liberdade. Julgamos porém que fundamentada, porque também ouvimos as vozes das Calhandras e uma ou outra vez lhes reproduzimos os ecos. Em versos, publicados há muito, numa *ode*, cujo único merecimento é levar *Camões* no título, escrevemos:

O mundo deu-te louros viridentes,
Deu-te a Pátria, na campa, a terra nua;
Mas verteu-te, sôbre ela, que era a sua,
Lágrimas quentes.

Lágrimas, que se as verte todo um Povo,
Sendo expiação em sua essência,
Dão paz à alma, límpida consciência,
Esfôrço novo.

(*Do Homem e da Terra*, 82)

Era ainda, na primeira estrofe, o mito da "campa" e do "finis", das Calhandras da moda. Felizmente, reagia, na segunda, o instinto de

conservação, manifestado, também felizmente, por essas mesmas Calhandras, quando o tempo e a reflexão as levaram a "reaportuguesar-se" e é o que naqueles versos se exprime pelo conceito de "esfôrço novo".

Com êste espírito perpètuamente renovado, se estuda o Poeta da *Fé* e do *Império*.

Da *Fé*, no seu duplo sentido, sob o aspecto da expansão; do *Império*, cuja significação é tão ampla, que nas suas dobras cabem monarquias e repúblicas.

Comprazemo-nos em crer eterno o Poema de Camões. Rejeitamos o efêmero do *Império*, que nunca morreu, nem em 1580. É fábula: foi eclipse, não mais. Passado o fulgor do sol a pino, o *Império* honradamente perdura. E se os *Lusíadas*, obra do homem, nasceram sob o signo da eternidade literária, a *Fé*, centelha divina, não terá menos vida que o mundo. Só não terá mais, porque é da essência da Fé expirar do lado de fora das portas do Paraíso. Depois, é outro *Poema*...

III

Portugal teve a honra de fechar uma das épocas da história e abrir outra, no tempo em que a cavalaria andante, a da terra firme, cedeu o passo à cavalaria náutica, nas proezas do mar. Costuma dar-se a tomada de Constantinopla pelos Turcos da Ásia, como separação dêsses períodos. Bem mais importante é o fato dos Descobrimentos marítimos que levaram a Europa para fora de si-mesma, para a Ásia, e para o resto do Mundo, descobrindo um Novo.

A transposição simbólica das duas épocas históricas marcou data, a 25 de agôsto de 1415. E em Ceuta. Na mesquita muçulmana, convertida em igreja católica, D. João I armou cavaleiros a três filhos seus, que tomaram parte na ação, D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique. O primeiro foi rei, o rei do *Leal Conselheiro*, transição entre o passado e o futuro. O segundo, D. Pedro, ficou a olhar para o passado e foi

ainda o Infante das "sete partidas". O terceiro, D. Henrique, olhou para o futuro e foi o Príncipe de tôdas as partidas da terra, cujo descobrimento definitivo iniciou.

Os *Lusíadas* estão em germe neste primeiro passo marítimo dos portuguêses. Uma praça que se ganha para o *Império*, uma igreja que se ganha para a *Fé*... Ato precursor do que ainda então se não previa bem, mas que foi depois a realidade moderna.

Portugal, vencida a crise da adolescência, mediu as fôrças em Aljubarrota, e achou-se robusto. E *plenitude* subentende *expansão*. Com a "Casa" entre o mar e Castela, também forte e irmã na Fé, o caminho de Portugal não podia ser o do continente. Foi o que lhe estava aberto, o do mar e da África *infiel*, palavra que se traduzia então pràticamente por um conceito político. Infiel era o mouro, vizinho e inimigo de Portugal; infiel era o turco, inimigo da Cristandade e da Europa. Enfraquecer o infiel, ato religioso, era simultâneamente ato político de

defesa coletiva, prolongamento ou comutação das cruzadas:

Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra
Vai cometer as ondas do Occano.
Este é o primeiro Rei, que se desterra
Da Pátria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A *Lei de Cristo* à lei de Mafamede.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Para onde Alcides pôs a extrema meta;
O Monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma e o *torpe Maometa*
Deita fora; e segura tôda a Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.

(Canto IV, 48–49)

Os navios portuguêses já andavam ao largo, rondando e sondando as costas. O bom êxito inicial de Ceuta animou os mareantes. Desdobram-se as perspectivas e multiplicam-se os motivos de expansão. Entre êles, também, e em

grande escala, o fator econômico. Com êste tríplice elemento, a *Fé*, a *Política*, e o *Comércio* (a "pimenta", as "especiarias"... e a Política e o Comércio traduzem-se em Camões, por *Império*), com êstes elementos básicos, excogitam-se os meios de realizar a emprêsa. Intensificam-se os estudos náuticos. Aprofunda-se a ciência da Cartografia e da Geografia. Relê-se o livro de Marco Polo. E fixam-se, por fim, dois grandes nomes, o Preste João e a Índia. A Índia, como têrmo, o Preste João como aliado possível.

Com êste ideal, a Nação Portuguêsa achou o seu caminho, a sua justificação no quadro da Humanidade como povo autônomo, o seu destino atlântico.

Camões é filho ainda da Renascença. É inegável. Mas a Epopéia que vai cantar, diverge de tôdas as outras Epopéias conhecidas, é na realidade a primeira manifestação do "problema europeu" extramediterrâneo, a Epopéia expansionista, mundial, dos Tempos Modernos, no seu duplo valor espiritual e temporal:

As Armas e os Barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana
Por mares nunca dantes navegados...

Entre gente remota edificaram
Novo Reino que tanto sublimaram.
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A *Fé*, o Império...

(Canto I, 1–2)

Portugal não foi a tão grande e longínqua aventura da *Fé* e do *Império*, inconsideradamente. O que se estuda de antemão, pode fazer-se "por mares nunca dantes navegados", não é aventura à-toa. Mas o efeito pode-se não descortinar todo de uma vez. Seria difícil que Portugal vislumbrasse logo que nas voltas da sua glória iria vibrar o mais rude golpe no infiel que ameaçava o Ocidente e a Europa e a assediava, cuidando tê-la diante de si, quando ela, inopinadamente, lhe surge na retaguarda. A presença de Portugal no mar da Índia desorienta os turcos e explica a vitória de Lepanto.

IV

Camões, na Invocação dos *Lusíadas*, recorda esta *presença*, apela para D. Sebastião, que a mantenha e enumera os inimigos da Fé:

> Vós que esperamos jugo e vitupério
> Do torpe *Ismaelita cavaleiro*,
> Do *Turco* Oriental e do *Gentio*,
> Que inda bebe o licor do Santo Rio...
>
> (Canto I, 8)

São já os *muçulmanos* da Arábia e do Oriente; e com êles o *Gentio* das ribeiras do Ganges. E, depois, outro inumerável gentio:

> Além do Indo jaz e aquém do Gange...
> Jugo de reis diversos o constrange
> A *várias leis:* alguns o vicioso
> *Mafoma*, alguns os *ídolos* adoram
> Alguns os *animais*, que entre êles moram...
>
> (Canto VII, 17)

Maometanos, pagãos, zoólatras... Religiões, superstições. O quadro está completo ou quase. Mas o inimigo tradicional da Fé, o inimigo que

importa sempre combater, e se multiplica e acha, aonde quer que cheguem portuguêses, desde Marrocos às Molucas, é o Mouro, por quem na própria Pátria havia começado a luta, coroada no dia memorável de Ourique.

E dêle, era:

> ..... tamanho ajuntamento
> Que para um cavaleiro houvesse cento.
>
> (Canto III, 43)

Para combate tão inverossímil só um milagre. Se o milagre de Ourique se deu ou não deu, disputam os homens. Uns crêem, outros não. Herculano não crê. Camões crê:

> A matutina luz serena e fria
> As estrêlas do pólo já apartava
> Quando na Cruz o Filho de Maria
> Amostrando-se a Afonso o animava.
> Êle adorando quem lhe parecia,
> Na *Fé* todo inflamado assi gritava:
> Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
> E não a mi que creio o que podeis!
>
> (Canto III, 96)

Fiados e crentes na intervenção divina, os portuguêses arremetem ao numeroso inimigo,

> Dizendo em alta voz: Real, Real,
> Por Afonso, alto rei de Portugal!
>
> (Canto III, 46).

Acto de Fé solene, misterioso, e nacional. Com êle assim, claramente crido pelo Épico,

> Desbaratado e rôto o *mouro* hispano,
>
> (Canto III, 43),

entra Portugal na história das nações livres, "ao serviço de Deus".

V

O "serviço de Deus" foi questão preliminar. Questão de ciência e de consciência, posta pelo Mestre de Aviz antes da jornada de Ceuta, primeiro passo da Epopéia: "Quero primeiramente saber, se isto é *serviço de Deus* de se fazer, ca por mui grande honra nem proveito que se me delo possa seguir, se não achar que é *serviço de*

Deus, não entendo de o fazer, porque sòmente aquela cousa é boa e honesta na qual Deus inteiramente *é servido*".

Emprêsa de *honra* e *proveito*, é evidente. Mas D. João I só a acometeu, depois de averiguar se era *serviço de Deus*, consultados os "letrados" e o "confessor" como "fiel e católico cristão". (4)

O "Serviço de Deus", que assim inaugura a *Era dos Descobrimentos*, está nos *Lusíadas*. Não apenas subentendido.

Quando em Mombaça a traição ameaça a armada, Vasco da Gama, ao ver que Deus a livrava, "havendo-o por milagre, assim dizia":

Ó caso grande, estranho e não cuidado!
Ó milagre claríssimo e evidente!
Ó descoberto engano inopinado!
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado

(4) Gomes Eanes de Azurara, *Crônica de El-Rei D. João I*, P. III, Cap. IX. Entre as razões que o mesmo Cronista dá para o Infante D. Henrique mandar ao Descobrimento da Guiné, é *uma* "o grande desejo que havia de acrescentarem a *Santa Fé de Nosso Senhor Jhu Xpõ* e trazer a ela tôdalas almas que se quisessem salvar", cf. Manuel Múrias, *Portugal Império* (Lisboa 1939) 103.

Livrar-se sem perigo sàbiamente
Se lá de cima a Guarda Soberana
Não acudir à fraca fôrça humana?

Bem nos mostra a Divina Providência
Dêstes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem, sem Ti, não pode ser guardado.

E se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina
Que só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas, pérfida e malina,
Nalgum pôrto seguro, de verdade,
Conduzir-nos já agora determina
Ou nos amostra a terra que buscamos
Pois só por *Teu serviço* navegamos.

(Canto II, 30–32)

Camões fala com tal decisão, *só por Teu serviço*, que há quem sustente a tese de que foi essa, com exclusão de outros motivos, a origem dos Descobrimentos. Mas as teses em história são as hipóteses das ciências. Instrumentos de trabalho que se abandonam, quando surge hipótese mais perfeita ou completa.

Nas consultas preliminares, dizia D. João I, que embora da conquista lhe adviesse grande *honra* e *proveito* só a executaria se fôsse *serviço* de Deus.

Os motivos propulsores dos Descobrimentos Portuguêses encerram-se todos nestas três palavras de D. João I: *serviço de Deus, honra e proveito:* o serviço de Deus, na defesa e expansão da Fé; a honra, no império político; o proveito, no comércio e riqueza. As demais razões é fácil reduzí-las a alguma destas categorias, e o próprio comércio se pode incluir, já o dissemos, na categoria do *Império*.

Tanto em D. João I como em Camões, o *serviço de Deus* significa sobretudo *reta intenção:* a saber, que a emprêsa de *honra* e *proveito*, que se intentava, não lesasse a justiça, e, portanto, fôsse lícita. Naturalmente, tinha-se então por lícito fazer guerra ao inimigo (como hoje aliás, em certos casos). O fato de ser infiel não era, por si só, razão bastante, se não houvesse outros agravos, perigos e ameaças da parte dêle. Por

isso, se convocou a junta de letrados ou jurisconsultos, que a declararam lícita.

Pressuposto geral, *o serviço de Deus*, que no Mestre de Aviz significava *recta intenção*, assume igualmente o sentido positivo de *intenção*, concomitante com outras *intenções* e *motivos*. Com esta ampla significação, entra no formulário burocrático durante séculos. Se escreve a um Governador ou Prelado diz El-Rei "serviço de Deus e meu", se a um Capitão ou Religioso, "serviço de Deus e meu"; se a um particular, a quem quer que escreva, sempre nas *Cartas Régias* para a África, para a Ásia, para a América, aparece *Serviço de Deus e meu*: Serviço de Deus (*a Fé*...), serviço meu, de El-Rei (*o Império*...), — Binômio Camoniano, nacional, a demonstrar, intata, a disposição de ânimo da gente portuguêsa. (5)

(5) Joaquim Bensaude fêz da Religião motivo exclusivo da *Origem do Plano da Índia*, e para a sua tese reúne diversos argumentos, entre os quais o testamento do Infante D. Henrique, no qual a vivíssima fé do Infante, apanágio de todos os grandes *construtores*, (em contraposição do negativismo religioso que vicia todos os *destruidores*) se encomendava a Jesus Cristo, a N.ª Senhora e a S. Luís. Bensaude vê nesta maneira de se exprimir do Infante uma concepção ingênua e

VI

O exclusivismo da Fé nos Descobrimentos Portuguêses parece exorbitância histórica. Não assim a preponderância dela. A emprêsa nacional tinha muito de Cruzada. A conquista operava-se contra o infiel, o mesmo infiel muçulmano, contra quem há muito se moviam as *Cruzadas*. E entrava tanto na mentalidade portuguêsa esta idéia de cruzada, que D. Afonso V, por ocasião de uma contra o turco do Mediterrâneo, lavrou moeda nova e o nome que lhe deu, já sabeis qual foi, *cruzado*. (6)

Mas a verdadeira cruzada portuguêsa não foi no Mediterrâneo. Foi no Atlântico e na Índia, que trouxe a Portugal os *pardaos*, e universalizou os *cruzados*, que num dado momento

medieval do Reino dos Céus, com a sua hierarquia à maneira das monarquias feudais. E por isso D. Henrique era ainda um cruzado. E a sua emprêsa um ato de fé contra o Islã. Cf. Joaquim Bensaude, *As origens do Plano da Índia — Resposta ao artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite* (Paris 1930) 15. Na realidade, essa fórmula do testamento da Infante é o *abc* da Religião Cristã que se ensina em qualquer catecismo e se lê em todos os testamentos dos homens piedosos, antigos e modernos, até nos de alguns bandeirantes que nada têm de cruzados.

(6) Lúcio de Azevedo, *Novas Epanáforas* (Lisboa 1932) 88.

da história econômica do mundo dominou o mercado monetário. Tão popular e conhecido que Shakespeare não achou outra moeda para meter na algibeira de Desdêmona: "My purse full of *cruzadoes*". (7)

No tempo do Infante D. Henrique, ainda não havia *cruzados*. Havia outros bens, e eram eclesiásticos, os bens da Ordem de Cristo, de que êle era governador. Com êstes bens da Igreja se financiaram as primeiras expedições portuguêsas. Fato ainda a reter, como elemento de intervenção religiosa, na expansão, não só da *Fé*, mas do *Império*, tão intimamente unidos no *serviço de Deus*, que ressoa ainda na própria chegada dos portuguêses ao Oriente:

> Deus por certo vos traz, porque pretende
> *Algum serviço Seu*, por vós obrado.
> Por isso *só* vos guia e vos defende
> Dos imigos, do mar, do vento irado:
> Sabei que *estais na Índia*...
>
> (Canto VII, 31)

(7) Shakespeare, *Otelo*, III, 4; cf. Afrânio Peixoto, *História do Brasil* (Pôrto 1940) 12, onde observa que o *cruzado* foi, algum dia, a *libra* ou *dólar* de hoje...

VII

A Índia e o Oriente estão nos *Lusíadas* no seu aspecto geral e heróico. Os pormenores não caberiam num Poema único. A sua história dispersa-se por milhares de livros, uns anteriores, outros coevos, outros (e são os mais) ulteriores a Camões. Cem historiadores de vinte nações ocupam-se hoje com essa história. E em tôdas as línguas cultas. Só para a biografia de um glorioso missionário de Portugal, um dêsses historiadores, Jorge Schurhammer, conta (e já aumentou essa conta) 6.080 números. A um simples folhear destas já famosas *Quellen*, com o português, vê-se o castelhano, o francês, o italiano, o inglês, o alemão, o holandês, o japonês, o chinês, o persa, o árabe e ainda outras línguas, incluindo algumas da Índia. Ampliando o quadro a outros, o escritor lusitanizante tem prontos alguns tomos de fontes sôbre os *Portuguêses na Ásia*, que será, quando se publicarem, um dos mais altos monumentos jamais

erguidos no mundo, e é, apenas, pedestal inacabado da *Pequena Casa Lusitana*... (8)

(O pedestal só ficará completo com *Portugueses na África* e *Portugueses na América*..)

Impressiona o contraste dos limites europeus de Portugal com a amplidão da área que ilustrou. E entre as glórias de Portugal está sem dúvida o ter sido o primeiro a dar ao Oriente, imobilizado nas suas fermentações internas raciais ou doutrinárias, a primeira idéia de movimento para fora de si, isto é, para o conhecimento da civilização ocidental e cristã. Documento importante na história humana.

Os fatos político-religiosos, que condicionaram êsse movimento, medem-se com a sensação da vertigem. Só no espaço de 15 anos, de 1538 a 1553, ano em que o autor dos *Lusíadas* chegou a Índia, D. Cristóvão da Gama liberta

(8) Cf. Georg Schurhammer, *Die zeitgenössischen Quellen zur Geschichte Portugiesisch-Asiens und Seiner Nachbarländer (Ostafrika, Abessinien, Arabien, Persien, vorder-und Hinterindien, Malaiischer Archipel, Philippinen, China und Japan) zur Zeit des Hl. Franz Xaver* (1538-1552). 6080 Regestes und 30 Tafeln (Asia Major — Leipzig 1932).

a Abissínia do jugo muçulmano; os turcos avançam até o Golfo Pérsico tentando aniquilar o Poder Português no Oriente; desmorona-se o Império do Grão Mogol ao combate dos Afegãs; D. João de Castro, com a sua nobilíssima e honrada estatura de sábio e militar, marca o mais alto fastígio da Epopéia Portuguêsa no segundo cêrco de Diu, indo morrer depois piedosamente assistido por um Jesuíta; organizam-se as três primeiras expedições portuguêsas a Cândia; destrói-se a pujança marítima de Calicute; morre o último rei budista de Ceilão; dá-se o derradeiro assalto das fôrças unidas de malaios e javaneses contra Malaca. Os birmanes conquistam o Pegu e realiza-se a primeira expedição à Capital do Sião; cria-se em moldes definitivos o Bispado de Goa. Surge S. Francisco Xavier na Índia e fundam-se as missões dos Jesuítas na Ásia desde a Pérsia ao Japão; as dos Franciscanos entre os Cristãos de S. Tomé, em Ceilão, e Baçaim; as dos Dominicanos na Índia; as dos Agostinhos nas Molucas.

Pertencem a êste período as viagens de Fernão Mendes Pinto e o descobrimento do Japão.

E ao mesmo tempo inicia Portugal a colonização efetiva do Brasil, com Tomé de Sousa e Manuel da Nóbrega, e, com a África, na transposição camoniana de Lope de Vega, dava

Al rey infinitas tierras;
Y a Dios infinitas almas.

Quadros parciais, como êste, multiplicam-se. Em conjunto, a história da Expansão da Fé, como parte da atividade portuguêsa está por fazer nas suas linhas orgânicas. E alguns sectores dela no Oriente, estão ainda intactos à espera de homens de boa vontade e competência, que os estudem. E verifica-se o fato, sintoma ainda da vitalidade da Fé, que é sobretudo a notáveis escritores missiólogos modernos que se devem tais estudos. É natural a tendência dalguns em fixar-se de preferência em nomes pessoais, isolando a sua atividade da Nação Portuguêsa, empresária da Fé, Ricci, Nobili, Schall, Rhodes,

Verbiest, e a considerá-los glórias próprias das nações donde procedem. São-no efetivamente, importa dizê-lo com espírito equânime e grato; êstes e tantos outros, seculares e regulares, heróis da civilização cristã no Oriente. Todos merecem tal estudo e todo o louvor, que se lhes der, é pouco. Todavia será inoportuno lembrar que foram missionários de Portugal? Que Portugal os levou e protegeu e lhes deu os meios, quer econômicos, quer de prestígio, para colaborarem na emprêsa heróica? E que todos êles sabiam e usavam a língua de Camões? E que enquanto êles entram nas correntes do público, outros ainda, tão grandes como os maiores, estão na penumbra, por lhes faltarem escritores nacionais que os estudem com a amplidão com que se estudam aqueles?

É superior à tendência nacionalista dos escritores estrangeiros o fato português do Padroado, que em muitos casos ultrapassava as conquistas de El-Rei, para alargar o âmbito das conquistas de Cristo. Nas pesquisas his-

tóricas de estranhos, se nem sempre soa o nome de *Império*, soa sempre o nome da *Fé*. E, a gôsto ou a contra gôsto, o nome de *Portugal*. Mas em geral a gôsto e com honra. Uma vez ou outra lá vem, de envolta, uma pedrada, que às coisas nobres e grandes nunca faltaram invejas de concorrentes. Raro é tão ruim vício. Apenas desconhecimento do assunto. Um pouco também, com frequência, culpa nossa, inibição do pudor, cuidando que é vitupério o estudo construtivo quando dêle resulta glória coletiva. E, no entanto, quando é legítimo, Camões ainda é modêlo:

> Da bôca dos pequenos, sei, contudo,
> Que o louvor sai às vezes acabado...
>
> (Canto X, 154)

VIII

Na vastidão geográfica da Epopéia, meia dúzia de nomes de terras e de heróis, com a sua sugestão antiga, ou eco de modernas investi-

gações científicas, ajudarão a vislumbrar, de muito longe aliás, o que foi a Expansão da Fé. Alguns os viu e cantou Camões. Um dêles é o Congo. Sob o aspecto social e de raças, tanto da atualidade, o Congo tem um lugar à parte, significativo e precursor. O primeiro negro, elevado ao sacerdócio e à dignidade de Bispo, era do Congo e consagrou-se em Portugal. O fato, com a tentativa — antecipando de séculos, a República Negra da Libéria — para organizar, com indígenas e governado por êles, um império cristão na África, não obstante a precariedade dêle, é glória que ficará...

> Ali o mui grande reino está do *Congo*,
> Por nós já convertido à *Fé de Cristo*.
>
> (Canto V, 13)

IX

Ormuz, na Pérsia, era empório de tapêtes e alcatifas, mercado de especiarias, cruzamento

de caminhos entre o Mar da Índia, o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo, tomado e retomado.

Entre os apóstolos de Ormuz, um, Gaspar Barzeu, enviado por Santo Inácio e D. João III, encontrou na praça forte, Judeus, Maometanos e Pagãos. O "Auto" ou conferência que teve com os Judeus ficou inédito até há pouco: "Ha desputa que tive com hos Judeus que ficarão do cativeiro de Babilonja sobre a Trindade hum sabado na sinaguogua d'Oromuz".

O missionário era estrangeiro. Em que língua escreve? (9)

> Esta luz é do fogo e das luzentes
> Armas, com que Albuquerque irá amansando
> De *Ormuz* os Párseos, por seu mal valentes,
> Que refusam o jugo honrado e brando.
> Alí verão as setas estridentes
> Reciprocar-se, a ponta no ar virando
> Contra quem as tirou: que Deus peleja
> Por quem estende a *Fé da Madre Igreja.*
>
> (Canto X, 40)

(9) Publicado por Schurhammer, *Archivum Historicum Societatis Iesu*, II (1933) 279-309.

X

No coração do Grão-Mogol, na famosa "Padri Santos Chapel", lêem-se inscrições como esta:

Aqui Iaz o P. Josep
de Castro da S
Companhia tresladado
de Lahor onde mor
reo. aos 15 ddzēb.
1646

Em português, êste e milhares de outros documentos dispersos na vastidão do Oriente. (10)

Alguma figura de mulher ilumina às vezes a paisagem. No mesmo Grão-Mogol ficou célebre Dona Juliana Dias da Costa, "a christian Lady at the Mogul Court", objeto de estudo do Presidente da Royal Asiatic Society, Sir Edward Maclagan. (11)

(10) Cf. *A. H. S. I.*, II (1933) 20.

(11) Sir Edward Maclagan, *The Jesuits and the Great Mogul*, Londres, 1932, e a ela se refere C. Wessels no *A. H. S. I.*, II (1933) 103.

XI

Vive na lenda e no mistério o Ir. Bento de Gois, no Deserto de Gobi, ao pé das muralhas da China. A missionária inglesa M. Cable comunicou não há muito tempo, à Royal Geographical Society, de Londres, a visita que fizera ao seu sepulcro, e que a tradição local aplica ao grande explorador da Ásia Central, o sugestivo nome, quási divino, de *Venerable Foreigner.* (12)

XII

Sven Hedin, explorador sueco, maravilha-se com a obra dos missionários de Portugal no Tibete. O P. Monserrate faz o mapa, onde pela primeira vez se desenha, como é, o Himalaia (1582); o P. Antônio de Andrade é o primeiro europeu que atravessa essa cordilheira (à roda de 1624) (13); e Wessels, além de Bento

(12) Texto da Comunicação em *A. H. S. I.*, IV (1935) 337-339; e cf. Tomas Srinivasan, *Explorer of Catay — Bento de Goes*, na *New Review*, III (Calcuta 1936) 70-79, com um mapa.

(13) Cf. Sven Hedin, *Southern Tibet* (Stocolmo 1917-1922).

de Góis (1602-1607) e de António de Andrade, estuda outros célebres exploradores religiosos, Francisco de Azevedo (1631-1632), Estêvão Casela e João Cabral (1626-1632). (14)

Margerie comenta: "Parmi tous les voyageurs dans l'Asie Orientale durant les dix-septième et dix-huitième siècles, les Jésuites sont les plus dignes de crédit, les plus scientifiques d'esprit, les plus heureux"... (15)

Missionários portugueses, ou ao serviço de Portugal, isto é, ao serviço da *Expansão da Fé.*

XIII

Camões não esquece o longo rosário das Ilhas, cujos nomes desfia no Poema, desde o Japão à América (e ao Brasil parte dela) que deixou de ser Ilha para ser Continente. Alguns nomes são de tradição heróica: Tidor, Ternate,

(14) Cf. Wessels, *Early Jesuit Travellers in Central Asia* (1603-1721), Haia, 1924.

(15) Emmanuel de Margerie, *L'oeuvre de Sven Hedin et l'Orographie du Tibet*, Paris, 1929. A frase repete-a G. Goyau, *Revue d'Histoire des Missions*, VIII (Paris 1931) 143. Cf. Pedro Leturia, *A. H. S. I.*, I (1932) 179.

Banda, Borneu, Timor, Sunda, Ceilão, Maldívias, Madagascar. O Poeta abre assim esta *Ronda das Ilhas:*

> Inda outra muita terra se te esconde
> Até que venha o tempo de mostrar-se,
> Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
> A natureza quis mais ufanar-se.
> Esta, meia escondida, que responde
> De longe à China, donde vem buscar-se,
> É *Japão*, onde nasce a prata fina
> Que ilustrada será co'a *luz Divina*.
>
> (Canto X, 131)

Os Portugueses, descobridores do Japão, introduziram nêle a S. Francisco Xavier com aparato régio para prestigiar o Apóstolo. A primeira igreja cristã do Japão construiram-na por subscrição os portuguêses do Oriente. Entre êles, com 300 cruzados, Fernão Mendes Pinto, o da *Peregrinação*. (16)

Na Epopéia da Fé deu-se o duplo movimento, de expansão e de involução cultural.

(16) Carta de S. Francisco Xavier a El-Rei D. João III, de Cochim, 31 de Janeiro de 1552, em poder de Maggs, de Londres, publicada pela 1.ª vez por Schurhammer, no *A. H. S. I.*, II (1933) 52.

Os portuguêses levaram e os portuguêses trouxeram. Levaram ao Oriente a doutrina de Cristo (outras coisas levaram, que não são objeto dêste estudo), deram a conhecer à Europa, as doutrinas do Oriente, o Budismo, o Confucionismo, o Sintoismo, os "Intocáveis", os "Brâmanes", o que comem, como se vestem, os templos, os icones... A linguagem às vezes é de tal precisão que parecia incrível. E por muito tempo se cuidou que Fernão Mendes Pinto era Fernão Mendes *Minto*. As investigações modernas confirmaram que é Fernão Mendes Pinto — *verdade*. Na Epopéia dos Portuguêses alargou-se o ângulo dos conhecimentos humanos. Trouxeram também a primeira embaixada japonêsa a Portugal e ao Papa. E pelos anos de 1553, quando Camões partiu para o Oriente, entraram na Companhia de Jesus os primeiros japonêses, Bernardo e Lourenço. Mas Bernardo de Cangochima entrava na Companhia, sabeis onde? Em *Coimbra*... E nesta mesma terra portuguêsa achou o seu repouso eterno e

cristão, êsse japonês, o primeiro que pisou terras da Europa.

Um português, o P. Luiz Frois, foi o primeiro ocidental que escreveu a "História do Japão", publicada, parte em Leipzig (1926), parte em Tóquio (1938), desdobrando assim nos seus componentes históricos aquele verso dos *Lusíadas*, e prolongando no tempo a sua permanência erudita. (17)

Frois morreu em Nangasaqui em 1597. Dois anos antes, no mesmo em que a *Arte* de Anchieta se publicava em Coimbra, imprimiram os Jesuítas portuguêses, para onde (por ser povoado de gente instruída e ser extremamente distante de Portugal) levaram tipografia, o *Diccionário Latino-Lusitanicum ac Japonicum* (Nangasaqui, 1595), trilingue; e nêsse, e noutros anos, muitos livros e gravuras, algumas das quais feitas já por artistas cris-

(17) A *Historia do Japam*, de Luiz Frois, consta de 3 partes. Uma parte traduziu-se em alemão, *Die Geschichte Iapans* (1549-1578) ubersetzt und kommentiert von G. Schurhammer und *E. A. Voretzsch*, Leipzig, 1926; e Abranches Pinto e Yoshimoto Okamoto publicaram na Sociedade Luso-Japonesa, de Tóquio, a 2ª *Parte da Historia do Japam*, no original português.

tãos, introduzindo assim a arte ocidental no Japão, que ao adoptar a civilização européia e ao impor-se depois no Extremo Oriente, ainda usa hoje no seu vocabulário muitas palavras portuguêsas, e estuda com afinco tudo o que se refere àquele período em que se ilustrou com a *Lei Divina*, e também com tanto sangue, que derramou daqueles que lha prègavam...

Alguns livros portuguêses, impressos no Japão, como a *Doutrina Cristã*, do Arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, resistiu ao sangue e ao tempo. Ao retomar-se a prègação da *Lei Divina*, no século XIX, os novos missionários, que não eram portuguêses, ouviram com espanto, surprêsa e alegria, que os descendentes daqueles cristãos ainda usavam palavras conhecidas e rezavam o "Padre Nosso" e a "Ave-Maria" na língua de Camões...

XIV

O Japão responde à China — diz o Poeta. Diz porque o viu, porque na China, em Macau,

morou algum tempo. A expansão da Fé na China, as tentativas para a introduzir no grande império, e depois o seu prestígio na Côrte de Pequim, é outra página de Epopéia. Num dado momento, à frente do Tribunal das Matemáticas, que é como quem diz, à frente da Academia Chinesa, acharam-se missionários de Portugal, a cultura ocidental, que penetrava pelo mais alto. Outro índice dela: Em 1644, quando governava a Vice-Província da China do Norte o P. Francisco Furtado, a Igreja dos Jesuítas Portuguêses de Pequim já possuia três mil obras européias... (18)

XV

Os livros duram mais do que as armas. Por isso, em muitas terras, a *Fé* sobreviveu ao *Império*...

"Entre os Católicos do Continente [da Índia] manteve-se o indo-português mais te-

(18) Cf. J. Laures, *Die Bücherei der ältern Jesuitenmission in Pei-t'ang zu Peking*, em *Katlol. Missionen*, 66 (1937) 76-77,101-102, 129:130.

nazmente, porque os momentos português e católico identificam-se em grande parte" — escreve Schuchardt. (19)

Identificam-se tanto que ainda hoje, não obstante as marteladas vibradas à Religião na metrópole, por algumas gentes «vãs que não o entenderam», o Império da Fé ou seja o *Padroado Português do Oriente* é mais vasto que o Império Político Português propriamente dito. A Expansão da Fé não tinha por fim amparar o comércio e os interêsses coloniais de Portugal, mas não se excluiam, e certamente no poder português do Oriente estava também o interêsse supremo da Igreja, a salvação das almas, razão de ser da Expansão da Fé. Como contra-partida, o Padroado ainda é hoje forma política em que perdura no Oriente o antigo prestígio de Portugal, cantado nos *Lusíadas*, e cujo centro era, e ainda é, Goa:

(19) Cf. *Zeitzchrift fur romanisch Philologie*, XIII, 498; cit. por David Lopes, *Expansão, da Língua Portuguêsa no Oriente durante os séculos XVI, XVII, XVIII* (Barcelos, 1936) onde se multiplicam exemplos do uso do português, como *língua franca*, do Oriente.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser Senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triunfos da gente vencedora.

(Canto II, 51)

XVI

Poeta da Fé e do Império, Camões, para cantar o Império, era soldado. Para cantar a Fé estaria à altura, sem incorrer em inexatidões melindrosas? Camões não é apenas poeta, mas erudito. Imaginação e sabedoria. Como poeta é o maior; como erudito não será o maior, nem é preciso. Mas dispõe de conhecimentos científicos sólidos. E nas ciências sacras, mais altas e difíceis, onde tantos sossobram por falta de preparação técnica, êle mantem-se à vontade dentro de perfeita retidão de expressão e de pensamento. Deve ter estudado Teologia, com seu tio Padre, em Santa Cruz de Coimbra, e pensado em ser frade ou clérigo. Diz êle próprio de si: "Tomei o pulso a todos os estados da vida e nenhum achei em perfeita saúde, porque a dos clérigos, para remédio, a vejo tomar mais

da vida que da salvação das almas; a dos frades, inda que por baixo dos hábitos, tem uns pontinhos, que quem tudo deixa por Deus nada havia de querer do mundo; a dos casados é boa de tomar, ruim de sustentar e pior de deixar; a dos solteiros, barca de vidro sem leme, que é bem ruim navegação. Ora temperai-me lá esta gaita, que nem assi, nem assi, acharcis meio real de descanso nesta vida." (20)

Luiz de Camões nem foi clérigo, nem se casou. Ficou solteiro. Mas solteiro, com pena de não ser casado, sempre a cantar amores; e se não foi clérigo nem frade, sempre lhe ficou a "marca da fábrica" que em todos os seus versos é visível e permanente. E ainda bem! Riqueza positiva, que o saber, diz o povo, não ocupa lugar. . .

Uma vez é o *Pecado Original* dos primeiros Pais, Adão e Eva, que êle evoca:

> Se os antigos delitos, que a *malícia*
> *Humana* cometeu na prisca idade

(20) Juromenha, *Obras de Luiz de Camões*, I (Lisboa 1860) 17.

Não causaram, que o vaso da nequícia,
Açoute cruel da Cristandade
Viera por *perpétua inimicícia*
Na geração de Adão...

(Canto VIII, 65)

Outra vezes é a *Trindade* que insinua:

Trazia o sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No *Qual* outros *Três* há *juntamente...*

(Canto V, 68)

Outras, uma evocação da *Pátria Celeste*:

Quem morre não morreu, partiu primeiro...

(Elegia XX, Juromenha, III, 234)

Nos *Lusíadas* há a confissão explícita da *Divindade* de *Cristo*, Homem-Deus. Ao sair a armada de Belém:

Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde *Deus* foi em *carne* ao mundo dado.

(Canto IV, 87)

Deus feito *carne*, a união hipostática, o mistério da Incarnação, centro da religião cristã. . .

Está tudo em Camões! Explana os *Sacramentos*, exalta os *Santos*, e, nesta meia oitava admirável, resume o conceito da *Providência*:

> Ocultos os Juízos de Deus são!
> As gentes vãs que não os entenderam,
> Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
> Sendo só *Providência*, de Deus, pura.
>
> (Canto X, 38)

XVII

Não se pode também negar ao caráter ardente de Camões pendor proselitista para a *Expansão da Fé*". Depois de cantar a atividade de Santo Tomé na Índia, o seu zêlo estimula os padres e religiosos portuguêses a que prossigam a tarefa do Apóstolo:

> E vós outros que os nomes usurpais
> De mandados de Deus como Tomé
> Dizei, se sois mandados, como estais
> Sem irdes a pregar a Santa Fé?
>
> (Canto X, 119)

Doía-lhe ao Poeta que sendo tão vasto o mundo, que ainda não conhecia a Cristo, houvesse nêle tão poucos apóstolos. No ano da impressão do Poema (1572) já muitos Religiosos de várias Ordens trabalhavam nas Missões Portuguêsas, enviados por D. Manuel e sobretudo por D. João III, a quem exalta Camões como rei singular, maior que os Alexandres, Adrianos e Numas, rei piedoso, "observante da Lei de Cima", "Joane de Portugal, Terceiro, sem segundo" (*Soneto* LIX).

Trabalhavam, entre os primeiros, os gloriosos filhos de S. Francisco. E além do Clero Secular, andavam Trinitários, Dominicanos e Eremitas de Santo Agostinho. E outros vieram depois. Já tambem os Jesuítas laboravam em Angola, no Monomotapa, na Etiópia, na Índia, nas Molucas, na China e no Japão. Para o zêlo de Camões não bastava. Dirigia-se em geral aos padres e aos religiosos (e os Jesuítas, Ordem nova, tinha menos que outras) que enchiam as Casas de Portugal de homens, que poderiam

ser arautos de Cristo na dilatação da Fé. Tal é a interpretação comum, desde o primeiro comentador Manuel Correia a Faria e Sousa, Storck, Epifânio, Artur Viegas.

A revisão, novíssima, dos estudos históricos, documentados, daquela época, sobretudo os de Francisco Rodrigues, especialista da matéria, confirma a exegese, posta assim em termos gerais, que mantém Camões no seu plano de elevação moral. Não ignoramos que alguns, poucos, romancistas de capa e espada e melodrama, ou escritores, levados talvez menos por motivos de objetividade histórica do que por palpite ou gôsto pessoal, pretendem amesquinhar Camões, atribuindo-lhe intenções que não caberiam na dignidade do poema. Mas de um dêstes, dizia com bom humor o grande Joaquim Nabuco, que confiava "demasiadamente nos seus poderes divinatórios"... (21)

(21) Joaquim Nabuco, *Camões e Assumptos Americanos*, trad. de Carolina Nabuco (Rio 1940) 35. Nabuco refere-se a Teófilo Braga. Carolina Micaelis de Vasconcelos, *Estudos Camoneanos, II — O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (Coimbra 1942) 2, não tem a mesma amenidade de Nabuco: para a célebre camonista, Teófilo emitia com

Mantemo-nos estritamente no plano histórico da *Expansão da Fé*. Outro seria o estudo do ambiente e política metropolitana, ao voltar Camões da Índia, desiludido e triste, no momento da Peste Grande, e em que dois partidos se degladiavam, o partido *português*, sob a direção de Martim Gonçalves da Câmara, e o partido oposto, chefiado pelo inimigo dos Câmaras, Pedro de Alcáçova Carneiro, *"castelhano de alma e coração"*, futuro acessor de Filipe II nos assuntos portuguêses. É ponto obscuro saber se Camões se inclinou para algum dêstes partidos, ou se, o que parece mais certo, se inclinou simplesmente para a Pátria. É ponto obscuro, porque "dizem os seus mais antigos

---

demasiada frequência opiniões "sem escrúpulo nem critério". Fortunato de Almeida, na sua magnífica *História da Igreja em Portugal*, III, 1.ª P. (Coimbra 1915) 446, não deixa também de dar a sua opinião autorizada, sôbre as "fantásticas afirmações", que Teófilo, na *História da Universidade de Coimbra*, "se dispensa de documentar ou provar. Chega para duas ou três gerações o trabalho de desfazer os erros e falsidades que naquela obra se acumulam". José Maria Rodrigues também saiu do plano primitivo e quis concretizar. Mas algumas opiniões suas, já desmoronadas, não serão indício de que também êle, ao menos em parte, "confiou demasiadamente nos seus poderes divinatórios?"...

biógrafos — e a referência é de Fidelino de Figueiredo — que o soberano espanhol, apenas entrara em Lisboa, perguntara pelo poeta". (22)

Se assim é, se Camões visasse os Jesuítas portuguêses, a honra recairia tôda sôbre os Jesuítas. Mas, rejeitando conjecturas, preferimos colocar o Poeta, fora e acima dessa suspeita, no terreno dos fatos certos, que Camões conhecia bem, e alguns dêles por contato direto e pessoal. E os fatos são, no ponto preciso que nos ocupa agora, que antes da publicação dos *Lusíadas*, já tinha saído a barra do Tejo para a grande emprêsa da *Expansão da Fé*, o número extraordinário de 230 Jesuítas. (23)

E dêles 77 já haviam derramado o seu sangue, cimento generoso da *Santa Fé*, que o

(22) Fidelino de Figueiredo, *Literatura Portuguesa* (Rio 1941) 124. Cf. também sobre esta época, Manuel Múrias, *A Política de África de El-Rei D. Sebastião* (Lisboa 1926) 30, 31, 63, 74.

(23) Cf. Domingos Maurício, *Camões e os Jesuítas*, na *Brotéria*, IX (Lisboa 1929) 309; Id., *Os Jesuítas e Camões*, *Ib.*, (1930) 137-149, 226-237, 355-368.

Poeta cantava e incitava a que se expandisse mais. (24)

E em algumas remotas ou difíceis paragens, como a Etiópia e o Japão, também já andavam Missionários. Nenhum que não fôsse da Companhia de Jesus.

XVIII

Camões viajou de Lisboa para a Índia em 1553. Na mesma nau "S. Bento" iam três Jesuítas. (25) É circunstância importante. Foi nessa nau, quando ia degredado, que o Poeta escreveu (é a opinião mais corrente) aquelas 73 quintilhas "divinas", — *Sôbolos rios que vão*, alusão aos rios místicos de Jerusalém e Babilônia, cuja interpretação (de poeta para poeta)

(24) O sangue não se estancou aí. Escreve Prestage "O martírio acompanhou sempre a Igreja de Cristo desde o começo. Dez dos Apóstolos, seguindo o Mestre, morreram de morte violenta às mãos dos seus inimigos e, como outras Ordens Religiosas, os Jesuítas contribuíram com a sua parte para o glorioso exército de mártires — 40 na Índia, 27 na Indo-China, 11 no Japão, 12 no Arquipélago Indiano, e 24 no mar", Edgard Prestage, *Viagens Portuguesas de Descobrimento* (Lisboa 1940) 55-56. Ficam de fora a África e a América...

(25) Cf. Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I-2, 534.

a doença de Murilo Mendes nos impediu de ouvir nêste Curso, e onde se compreenderia mais uma vez o que disse Cassiano Ricardo, numa bela e "portuguesíssima" expressão, aqui mesmo não há muito ainda, falando de Paulo Setúbal, a saber, que "o verdadeiro Poeta é o que consegue chegar mais próximo de Deus"... (26)

Na elegia de Camões está, no seu espírito e nos seus resultados, a célebre Meditação das *Duas Bandeiras*, de S. Inácio, que os três Jesuítas não deixariam de explanar a bordo, como sempre, em tôdas as travessias prolongadas.

Se a imagem inicial é bíblica (o salmo 136), a inspiração imediata é dos *Exercícios Espirituais*, no sentido da luta, que caracteriza as *Duas Bandeiras*, o eterno dualismo do Bem e do Mal, dois campos opostos, em que assumindo a linguagem de S. Inácio, "los engaños", Camões responde e refuta todas as religiões

(26) Cassiano Ricardo, *Paulo Setubal, o Poeta*, na *Rev. da Academia Paulista de Letras*, XXII (1943) 135.

artificiais, todos os "erzats" religiosos, antigos e modernos:

> Sofistas, que me ensinaram,
> Maus caminhos, por direitos...

Reação da inteligência, que reconhece o êrro: Reação da vontade prática, logo depois. Camões não quer ser "cativo e ferrolhado na Babilônia infernal", quer seguir ùnicamente "o Senhor e Capitão da Alta Torre de Sião"...

Travada a batalha e ganha a vitória interior, surge a aspiração à Pátria Celeste, em que, de novo, com o salmo bíblico, formula Camões o propósito final de tôda a ascética inaciana:

> E se eu cantar quiser
> Em Babilônia sujeito,
> Hierusalém, sem te ver:
> A voz, quando a mover,
> Se me congele no peito...

A linguagem positiva e concreta de Santo Inácio, eleva-se, em Camões, do seu caso pessoal, doloroso — doloroso como tudo o que é fecundo — à poesia pura, universal.

Os três Jesuitas, companheiros de Camões, na viagem da India, eram Baltasar Dias, grande prègador, "homem muito virtuoso e para todo o bem", como se exprime, à maneira de Tomé de Sousa, o Vice-Rei D. Pedro de Mascarenhas; Aleixo Dias, "de ânimo alevantado para o *serviço de Deus*"; e Urbano Fernandes, um dos que, com Luiz da Grã, que veio para o Brasil, se opuseram à intromissão dos estrangeiros em Portugal, e do Reitorado do Colégio das Artes, em Coimbra, passava às Missões do Oriente, quando, antes de chegar a Goa, e com a presença de Camões, faleceu, tendo o mar por sepultura:

> Vós que à custa de vossas várias mortes
> A *Lei da Vida Eterna* dilatais...
>
> (Canto X, 3)

Camões, Poeta da Expansão da Fé, falava em termos genéricos tanto do seu feitio. O "Velho do Restelo" não falou de outra for-

ma, e em forma que parece o reverso da Epopéia... (27).

Aos termos gerais da Epopéia, há uma exceção apenas. E o objecto dela é um Padre da Companhia:

> Vê do Benomatapa o grande império,
> De selvática gente negra e nua,
> Onde Gonçalo morte e vitupério
> Padecerá pela *Fé Santa*, sua.
>
> (Canto X, 93)

Entre os *Sonetos* de Camões há o da glorificação do martírio. E como protótipo do martírio e da *Expansão da Fé*, é o mesmo D. Gonçalo que o Poeta exalta. Escreveu-o à raiz da morte do P. Gonçalo, da Silveira, que padeceu em 1561, por seguir a bandeira de *um Capitão de Cristo*, alusão inequívoca à Companhia de Jesus, de que fazia parte o herói:

> Não passes, caminhante. Quem me chama?
> Ûa memória nova e nunca ouvida

(27) Cf. Afrânio Peixoto, *Ensaios Camonianos* (Coimbra 1932) 189-201.

De um que trocou finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama.

Quem é que tão gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue não duvida
Por seguir a *bandeira esclarecida*
De *um capitão de Cristo*, que mais ama.

(Soneto XXXVII, Juromenha, *Obras*, II, 19)

De outro mártir qualquer, o Poeta teria dito que morreu por seguir a *"bandeira de Cristo"*, comum a todos os heróis da Índia, ou êle próprio seria *"capitão de Cristo"*. O mártir, celebrado no soneto de Camões, derramou o sangue por seguir a bandeira de *um* Capitão de Cristo, isto é, por seguir a bandeira de uma "esclarecida" milícia, cujo Capitão era diferente do herói, S. Francisco Xavier, de que andava cheio o Oriente, ou S. Inácio, fundador da Companhia, *um Capitão de Cristo*, que até na imagem militar há exatidão histórica, tão notável sempre em Camões.

Ainda que sem conexão imediata com a *Expansão da Fé*, nem se tratar de português,

escreveu o Poeta um soneto (CCXLVI) em honra de S. Francisco de Assis, que foi "de santos uma rara mina". Muitos dêstes santos, a começar em S. Antônio, se ilustraram gloriòsamente na Expansão da Fé, e Santo Antônio não apenas como prègador e missionário, mas também como militar, consoante explana José Carlos de Macedo Soares, em *Santo Antônio de Lisboa, militar no Brasil,* título feliz de um seu livro recente.

XIX

Os *Lusíadas* não falam da *Expansão da Fé* no Brasil. Só indiretamente, quando ao terminar a *Ronda das Ilhas,* desde o Japão à América, onde mais se alarga a terra, que o pau vermelho nota,

> De Santa Cruz o nome lhe poreis
> Descobri-la-á primeiro a vossa frota.
>
> (Canto X, 140)

"De *Santa Cruz* o nome lhe poreis"... Pelo sinal da *Santa Cruz,* o Sinal do Cristão,

que assim, num Ato de Fé, nasceu o Brasil...

Increpando os povos coevos, do mundo civilizado de então, que esquecidos da Emprêsa da Fé, se debatiam entre si, e se enfraqueciam mùtuamente, adverte Camões: Entretanto,

> Não faltaram cristãos atrevimentos
> Nesta pequena Casa Lusitana:
> De África, tem marítimos assentos;
> É na Ásia mais que tôdas soberana;
> Na *Quarta Parte* nova os campos ara;
> E, se mais mundo houvera, lá chegara...
>
> (Canto VII, 14)

A *Quarta Parte, nova,* é a América. Para esta nossa América, no ano em que partiu Camões para a Índia, viera também uma expedição, e nela, entre outros, Luiz da Grã e José de Anchieta. O fundador, Manuel da Nóbrega, viera antes e já não existia em 1572, quando se publicaram os *Lusíadas*. Nóbrega tinha iniciado aquela "obra sem exemplo na hisória", de que fala o grande historiador brasileiro, Capistrano

de Abreu. Além dêstes, outros viriam: Fernão Cardim, Cristóvão de Gouveia, Francisco Pinto, Luiz Figueira, Alexandre de Gusmão, Antonio Vieira... centenares de Jesuítas. E de outras Ordens Religiosas, e também Seculares, nobilíssimos obreiros, todos, da causa da Fé. Se Camões, em vez de ser arrastado pêlos deslumbramentos da Índia em 1553, tivesse vindo para o Brasil, talvez escrevesse os *Lusíadas* de outra forma...

Desviada a atenção para o Oriente, o Brasil aparece nos versos de Camões, naquilo que é precisamente o símbolo da Expansão da Fé (e está como *símbolo* e como *toponímico*), mas aparece ao mesmo tempo o que de fato era no conhecimento do Poeta:

> A Terra Santa Cruz, *pouco sabida*.
> (Camões, Prefácio a Magalhães Gandavo)

"Dos prodígios que fez Portugal no Mundo dois maiores fez, Camões e o Brasil", diz Afrânio Peixoto.

Fê-los a ambos. Mas, ainda que se possa apontar um momento comum, na realidade fê-los um depois do outro. (28)

Uma das assombrosas criações do pincel humano é o *Juízo Universal* da Capela Sixtina. Ao centro do quadro, Cristo, tantas vezes cantado por Luiz de Camões. À direita os eleitos, à esquerda os condenados. Portugal está no seu lugar, entre os eleitos, naturalmente. E porquê? Pelo seu zêlo, sangue, oração e trabalhos na *Expansão da Fé*, que salva. O gênio de Miguel Ângelo representou Portugal,

(28) Afrânio Peixoto, *Ensaios Camonsanos*, 387. Nêste estudo *Camões e o Brasil*, examina o Autor os escritores brasileiros, que trataram, imitaram ou se inspiraram em Camões. Lista notável que o progresso das investigações literárias talvez amplie com o tempo. Nela entrará o de um Jesuíta, do Recife, P. João de Melo (1695–1746), humanista de merecimento, que glosou a Oitava de Camões, da *Écloga V*.

A glosa é de quatro décimas e um romance joco-sério. Tudo em honra do Ouvidor Geral da Bahia, Desembargador Inácio Dias Madeira, e publicado em Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, em 1742, junto com várias composições de outros Jesuítas do Brasil, em latim e português, entre as quais dois *sonetos*. A referência a João de Melo é de Loreto Couto, *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco* nos *Anais da Bibl. Nacional do Rio*, XXV (1904) 13; e de Sommervogel, *Bibl.*, V, 878, que cita Barbosa Machado e Backer. Sôbre o conhecimento que teve Camões do Brasil, "ponta de veu que não se chegou a levantar", cf. Pedro Calmon, *História do Brasil*, I (S. Paulo 1939) 84-85.

homem novo ainda, atarracado e forte, como o português médio de sempre. Debruça-se sôbre o abismo das almas inumeráveis, mergulhadas nas trevas. Sustenta e levanta para a glória imortal, seguros ao terço do rosário, que lhes estende, um negro e um índio do Oriente — a África e a Ásia — o que está em Camões.

A Epopéia, que se realizava no Brasil, não ficou nos *Lusíadas*, onde o nome *Brasil* já aparece, mas de passo (*Canto X*, 63). Não ficou, nem podia ficar, porque na sua maior extensão é ulterior ao Poeta. Fechado o ciclo asiático, seguir-se-ia o ciclo atlântico ou ciclo americano... Joaquim Nabuco tem razão em ver isso nos *Lusíadas*. Um Miguel Ângelo dos meados do século XVIII incluiria o Brasil catequizado e salvo. Em 1541, ainda não...

XX

O *Brasil*, antes do descobrimento dos portuguêses, não existia, como existia a Índia, a Pérsia, a China e o Japão, com as suas cidades

e suas civilizações milenárias. A fímbria atlântica da América do Sul era uma região indefinida, onde pontilhavam nomes locais, sem travação política entre si, como também só a pouco e pouco se foi sabendo como era habitada por diversos grupos indígenas geralmente em guerra uns com os outros.

Na formação do Brasil, como nação (o Brasil foi *Estado*, antes de ser *Nação*) houve que realizar duas tarefas iniciais e permanentes: ocupar ou povoar a terra imensa, primeiro na costa como garantia do mais, e depois o interior ignoto, subjugando, assimilando, unindo e organizando o aborígene disperso pelas cabanas primitivas. Foi o aspecto preliminar da concentração estável dos homens em núcleos coesos de trabalho e organização civil. Paralela com esta, coexistia a tarefa de inutilizar ou afugentar o inimigo externo, a pirataria dos séculos XVI e XVII, que pertubava êsses núcleos ou ameaçava interromper a formação homogênea da nacionalidade, criando quistos étnicos, diferentes em

língua ou religião, ou em ambas as coisas, que teriam destruído, se prevalecessem, a formação global do Brasil, como hoje existe.

A formação nacional do Brasil realizaram-na os navegantes, soldados, administradores e colonos, por si e pelos seus descendentes, já nascidos na boa terra brasileira. Mas Portugal católico (a *Fé* e o *Império*...) não deixava de o ser aonde quer que chegasse. "A principal causa que obrigou aos Senhores Reis, meus predecessores, a mandar povoar aquela Capitania e as mais do Estado do Brasil foi a redução do gentio delas a nossa Santa Fé Católica" — lê-se no *Regimento* do Governador do Rio de Janeiro, de 1677, doutrina constante, aliás, desde o primeiro, dado em 1548, a Tomé de Sousa... (29)

(29) Cf. Regimento de 23 de Janeiro de 1677, *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, LXIX, 2.ª P. (1908) 102; *Doc. Históricos, VI* (Rio 1928) 312; Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil, II* (Lisboa-Rio 1938) 141; Alceu Amoroso Lima, *A Igreja e o Novo Mundo* (Rio 1943) 8: "o Império e a Fé estão na fonte da nossa história". Doutrina constante: cf. "Regimento que levou o Governador que he agora do Brasil anno 1583 (Manuel Teles Barreto), Arch. S. J. Romanum, *Brasilia*, 15, 331; Regimento de Diogo Mendonça Furtado

Portugal foi apto instrumento da expansão do Cristianismo no mundo novamente descoberto, mas ao mesmo tempo o Cristianismo foi instrumento útil do poder político. Ainda hoje o Padroado Português do Oriente, a que nos referimos, com bases na Índia e na China, é reminiscência dessa aliança e a ela se deve atribuir em parte o segrêdo do êxito português na sua expansão fora da Europa, que só teve como parceira a Espanha. A Inglaterra veio depois e ainda continua. A França ficou a meio caminho. E na Europa, até hoje, ainda não houve outras *nações* criadoras de *nações*.

O Brasil é o exemplo mais ilustre, ou pelo menos mais duradouro e positivo, dessa aliança construtiva, com dois fatos de conseqüências eternas, um para a Igreja, outro para Portugal, a religião e a língua.

(16 de junho de 1621) e Regimento de D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, na *Rev. do Município da Bahia, III*, n.º 12, 353, e n.º 16, 511, com dizeres idênticos aos dos Regimentos de Tomé de Sousa e do Governador do Rio.

Na formação política, civil e mental, e na defesa do Brasil, o papel da Igreja foi decisivo, sem excluir a própria Independência. Quando dizemos *Igreja*, consideramo-la não apenas na sua essência mística, mas sobretudo na sua organização visível, na sua hierarquia e nas suas instituições religiosas, a tôdas as quais cabe uma quota parte, maior ou menor, do êxito geral. Mas é fato histórico, que desde o primeiro grande ato português no Brasil, a elevação da *Colônia* a *Estado* (a constituição do *Govêrno Geral* em 1549), a uma dessas Instituições da Igreja, a *Companhia de Jesus*, dizem-no os fatos e os maiores escritores brasileiros, a alguns dos quais aqui presentes, prestamos a homenagem do nosso acatamento, à Companhia de Jesus confiou Portugal, oficialmente, durante dois séculos, a dupla função da proteção aos Índios e do ensino público de brancos e mestiços, com todos os seus derivados econômicos, políticos e sociais. E temos, por êsse duplo e decisivo ato, que na rigidez ou versatilidade da admi-

nistração, na dureza consquistadora das *jornadas* e *bandeiras*, a Religião foi o elemento de ilustrada moderação ou mesmo de oposição decidida à violência, esparzindo, quanto esteve em seu poder, o bálsamo que suaviza as feridas que as vezes trazem as lutas da Civilização.

Há outra espécie de colaboração, que não se deriva imediatamente de premissas religiosas, mas que existiu como realidade positiva e indiscutível.

A Igreja e em particular a Companhia de Jesus cooperou também na construção territorial do Brasil com as suas fundações, com as suas entradas, com as suas Aldeias e com as suas Fazendas; e a Companhia constituiu simultâneamente, sem o prever de ante-mão, todavia como fato necessário, que as condições econômicas da América postularam e impuseram, uma espécie de sociedade anônima, de tipo agrário, útil diretamente à manutenção da emprêsa civilizadora, e indiretamente ao desenvolvimento da riqueza coletiva. Até sob êste

aspecto, no tratamento suave e humanitário dos seus inumeráveis trabalhadores, índios e negros, a Companhia de Jesus se constituiu modêlo moral dos fazendeiros no regime antigo do trabalho. (Algum caso particular em contrário não é lícito invocar-se para destruir a generalidade que reivindica a história).

Com os elementos étnicos e religiosos, assim enunciados e veiculados para o Brasil pelos portuguêses, vieram conglutinar-se outros, depois, de diversa índole e procedência, alguns de *menor valia*, outros talvez de *igual*.

Se alguem porventura dissesse que de *maior* valia, a presunção se castigaria a si mesma. Fora da Europa não há *nação* onde se fale outra língua européia que não seja o português, o espanhol, o inglês, e o francês.

Os que chegaram depois ao Brasil caldearam sem dúvida, nele, energias *novas* e *diferentes*. Todas elas, porém, no complexo geral, denunciam mais ornato que estrutura básica. Não há andares superiores sem rés-do-chão e ali-

cerces. Os andares superiores da vida moderna, em que alguns fatores novos influem, seriam sem consistência e incompreensíveis, sem os que durante os primeiros séculos alicerçaram a nacionalidade brasileira, sob o influxo de Portugal. E a solidez geral do edifício depende dos materiais da base. Não é imagem artificiosa. A construção das nações também tem a sua engenharia peculiar.

Dadas as condições antropogeográficas do Brasil, e, pelos resultados obtidos, uma *nação una, forte, homogênea,* e *cristã,* a verdade mostra que, não obstante alguma falha intermédia, os materiais foram bons. E entre êles, a história ensina que a Companhia de Jesus concentrou à sua roda, sob o ângulo mais nobre, que é o da liberdade, as lutas econômicas e sociais dos primeiros séculos: e, pelos seus Colégios de Humanidades e Artes, e pela contribuição que deu à arquitetura, pintura e mais variados ofícios, à indústria açucareira, aos grandes pastoreios,

à lingüística americana, e à vida moral e religiosa das populações, ela foi agente preponderante da inteligência e da cultura na formação colonial, sôbre que assenta, monumental e harmônico, o Brasil moderno.

É o que diz o Presidente dêste *Curso Camões*, Afrânio Peixoto, autor de uma *História do Brasil*, de *Dom Portugal*, dos *Ensaios Camoneanos*, de *Vieira Brasileiro*, prefaciador e anotador das *Cartas Jesuíticas*, editadas pela Academia Brasileira de Letras. Quatro modalidades de conhecimentos "especializados", sôbre o Brasil, Portugal, a Companhia de Jesus e Camões. Conhecimentos que, por si, bastam, mas também se requerem, *unidos*, para um conceito justo, quando se conjugam aqueles quatro elementos históricos. Todos quatro, na verdade, se encontram, com singular relêvo, nesta expressão literária, sintética, perfeita:

—"A epopéia dos Jesuítas no Brasil foi uma das grandes campanhas de Portugal. Se vivesse

e pudesse conhecê-la o nosso Excelso Poeta teria entoado o Undécimo Canto dos *Lusíadas.*" (30)

Poderá haver coroa mais natural para uma palestra sôbre *Camões, Poeta da expansão da Fé,* quando, falando no Brasil, é o próprio Brasil que assim nos reconduz a Camões?...

(30) Afrânio Peixoto, Discurso na Academia Brasileira por ocasião da visita do Cardeal Patriarca de Lisboa, na *Revista da Academia Brasileira de Letras,* vol. 46, p. 349.

ÍNDICE I

Abranches Pinto: 44.
Afonso Henriques (El-Rei D.): 23, 24.
Afonso V (El-Rei D.): 29.
Afrânio Peixoto, J.: 9, 30, 60, 64, 65, 74.
África: 18, 28, 32, 37, 63, 66.
Albuquerque, Afonso de: 38.
Albuquerque, Mário de: 14.
Alcáçova Carneiro, Pedro de: 54.
Aljubarrota: 18.
Almeida, Fortunato de: 54.
América: 11, 28, 41, 62, 63, 67.
Amoroso Lima, Alceu: 68.
Anchieta, José de: 44, 66.
Andrade, Antônio de: 40, 41.
Angola: 52.
Arábia: 22.
Ásia: 17, 28, 31, 33, 40, 63, 66.
Assis, S. Francisco de: 52, 62.
Atlântico: 29.
Azevedo, Francisco de: 41.
Azurara, Gomes Eanes de: 25.
Babilonia: 10, 38, 56, 58.

Baçaim: 33.
Backer, A. de: 65.
Baía: 65.
Banda: 42.
Bansaude, Joaquim: 28, 29.
Barbosa Machado: 65.
Barros Cunha, J. G. de: 10.
Barzeu, Gaspar: 38.
Belém: 50.
Bell, Aubrey F. G.: 10.
Borneu: 42.
Braga, Teófilo: 53.
Bragança, D. Teotônio de: 45.
Brasil: 11, 34, 41, 59, 62, 64, 66–74.
Cable, M .:40.
Cabral, Estêvão: 41.
Calicute: 33.
Calmon, Pedro: 65.
Câmara, Martim Gonçalves da: 54.
Camões, Luiz de: *passim.*
Campolide: 11.
Campos, Agostinho de: 11.
Cândia: 33.
Cangochima, Bernardo de: 43.
Capistrano de Abreu, J.: 63.
Cardim, Fernão: 64.
Casela, Estêvão: 41.

Castela: 18.
Castro, D. João de: 33.
Castro, José de: 39.
Ceilão: 33, 42.
Ceuta: 17, 19, 24.
China: 40, 42, 45, 46, 52, 66, 69.
Coimbra: 11, 43, 48, 59.
Conde da Torre: 69.
Congo: 37.
Constantinopla: 17.
Correia, Manuel: 53.
Dias, A. Epifânio da Silva: 53.
Dias, Aleixo: 59.
Dias, Baltasar: 59.
Dias da Costa, D. Juliana: 39.
Dias Madeira, Inácio: 65.
Diu: 33.
Duarte (El-Rei D.): 17.
Espanha: 19, 69.
Etiópia: 52, 56.
Europa: 17, 18, 21, 43, 69.
Évora: 45.
Faria e Sousa: 53.
Fernandes, Urbano: 59.
Figueira, Luiz: 64.
Figueiredo, Fidelino de: 55.
Filipe II: 54.

França: 69.
Frois, Luiz de: 44.
Furtado, Francisco: 46.
Gama, Cristóvão da: 32.
Gama, Vasco da: 25.
Ganges: 22.
Goa: 33, 47, 48, 59.
Gobi: 40.
Gois, Bento de: 40.
Gouveia, Cristóvão de: 64.
Goyau, G.: 41.
Grã, Luiz da: 59, 63.
Grão Mogol: 33, 39.
Guiné: 25.
Gusmão, Alexandre de: 64.
Hedin, Sven: 40.
Henrique (Infante D.): 17, 18, 25, 28, 30.
Herculano, Alexandre: 23.
Índia: 20, 21, 29–31, 33, 38, 52, 54, 56, 63, 66, 69.
Indo: 22.
Indo-China: 56.
Inglaterra: 69.
Itália: 11.
Japão: 33, 41, 42, 45, 52, 56, 62, 66.
Jerusalém: 56, 58.
João I (El-Rei D.): 17, 24–28.
João III (El-Rei D.): 38, 42, 52.

Juromenha, Visconde de: 49, 50, 61.
Laor: 39.
Laures, J.: 46.
Leipzig: 44.
Leite, Duarte: 29.
Leite, Serafim: 68.
Leite de Vasconcelos, José: 12.
Lepanto: 21.
Letúria, Pedro: 41.
Libéria: 37.
Lisboa: 11, 74.
Lisboa, S. Antônio de: 62.
Loiola, S. Inácio de: 38, 57, 58, 61.
Londres: 40.
Lope de Vega: 34.
Lopes, David: 47.
Loreto Couto: 65.
Lúcio de Azevedo, J.: 29.
Macau: 45.
Macedo Costa, D. Antônio de: 11.
Macedo Soares, J. C. de: 62.
Maclagan, Eduardo: 39.
Madagascar: 42.
Magalhães Gandavo: 64.
Maggs: 42.
Malaca: 33.
Maldívias: 42.

Manuel I (El-Rei D.): 52.
Mar Negro: 38.
Margerie, Emmanuel de: 41.
Marrocos: 23.
Mascarenhas, D. Fernando de: 69.
Mascarenhas, D. Pedro de: 59.
Maurício, Domingos: 55.
Mediterrâneo: 29, 38.
Melo, João de: 65.
Mendes, Murilo: 57.
Mendes Pinto, Fernão: 34, 42, 43.
Mendes dos Remédios: 11, 12.
Mendonça Furtado, Diogo de: 68.
Mestre de Aviz: Vd. D. João I.
Micaelis de Vasconcelos, Carolina: 53.
Miguel Ângelo: 65, 66.
Molucas: 23, 33, 52.
Mombaça: 25.
Monomotapa: 52, 60.
Monserrate, Antônio de: 40.
Múrias, Manuel: 25, 55.
Nabuco, Joaquim: 53, 66.
Nangasaqui: 44.
Nobili, Roberto: 34.
Nóbrega, Manuel da: 34, 63.
Okamoto, Yoshimoto: 44.
Onorati, Antônio: 11.

Ormuz: 37.
Ourique: 23.
Pedro (Infante D.): 17.
Pegu: 33.
Peixoto, Afrânio: Vd. Afrânio.
Pequim: 46.
Pérsia: 33, 37, 66.
Pinto, Francisco: 64.
Polo, Marco: 20.
Portugal: 14, 17, 18, 21, 24, 32, 34–37, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 52, 64, 65, 68, 74.
Prestage, Edgard: 12, 56.
Preste João: 20.
Recife: 65.
Ricardo, Cassiano: 57.
Ricci, Mateus: 34.
Rio de Janeiro: 68, 69.
Rhodes, Alexandre: 34.
Rodrigues, Francisco: 53, 56.
Rodrigues, José Maria: 54.
Roma: 11.
S. Tomé de Meliapor: 33, 51.
Schall, João Adão: 34.
Schuchardt: 47.
Schurhammer, Jorge: 31, 38, 42, 44.
Sebastião (El-Rei D.): 22.
Shakespeare: 30.

Sião: 33.
Silva Ramos, Luiz Maria da: 12.
Silveira, D. Gonçalo da: 60.
Sommervogel, Carlos: 11, 65.
Sousa, Tomé de: 34, 59, 68, 69.
Srinivasan, Tomas: 40.
Storck, Guilherme: 53.
Sunda: 42.
Teles Barreto, Manuel: 68.
Ternate: 41.
Tibete: 40.
Tidor: 41.
Timor: 42.
Tóquio: 44.
Verbiest, Fernando: 35.
Viegas, Artur: 53.
Vieira, Antônio: 11, 64.
Xavier, S. Francisco: 33, 42, 61.
Wessels, C.: 39–41.

ÍNDICE II

I — A poesia religiosa de Camões 9
II — A Fé segundo Camões 13
III — A "Fé e o Império" 17
IV — Os inimigos da Fé 22
V — O "Serviço de Deus" e os Descobrimentos 24
VI — O "Serviço de Deus" nos Lusíadas 29
VII — A amplidão da Epopéia 31
VIII — África 36
IX — Pérsia 37
X — Grão Mogol 39
XI — Gobi 40
XII — Tibete 40
XIII — Japão 41
XIV — China 45
XV — Goa e o Padroado do Oriente 46
XVI — Camões e as Ciências Sacras 48
XVII — Camões e o apostolado missionário 51
XVIII — Camões e os Jesuítas 56
XIX — "A Terra Santa Cruz pouco sabida" 62
XX — O Brasil — "canto undécimo" 66

IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL